

### Ler o mundo: um olhar através da semiótica social

Descardecí, Maria Alice Andrade de Souza

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

#### Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Descardecí, M. A. A. d. S. (2002). Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. *ETD - Educação Temática Digital*, 3(2), 19-26. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-105044>

#### Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

#### Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

---

**LER O MUNDO : UM OLHAR ATRAVÉS DA SEMIÓTICA SOCIAL**

---

**Maria Alice Andrade de Souza Descardecí**

**RESUMO:** O presente artigo questiona os pressupostos com os quais a escola brasileira trabalha o conceito de leitura, que impõe ao aluno a modalidade escrita como sendo a única, ou mais relevante, forma de representação para composição de mensagens impressas. A leitura do mundo, na concepção da escola atual, faz-se através da leitura do código escrito. Tal questionamento é feito através da teoria da *semiótica social* (Kress e van Leeuwen, 1996). De acordo com essa teoria, textos são construtos multi-modais; dos quais a escrita é apenas um dos modos de representação da mensagem. Estes, por sua vez, são culturalmente determinados e constantemente redefinidos dentro dos grupos sociais nos quais significam. Uma análise de impressos coletados em um ambiente de trabalho é apresentada para demonstrar a multimodalidade das formas de representação, que deve ser considerada quando do ensino da leitura da palavra, para uma leitura mais significativa do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Semiótica social

**ABSTRACT:** This paper questions today's Brazilian schools' theoretical approach to reading, which imposes to pupils reading the written code as the only relevant form of representation in texts. Reading the world, according to the schools' conception, happens as reading the written code does. The *social semiotics* theory (Kress and van Leeuwen, 1996) is used in the article to argue against it. According to this theory, texts are multi-modal constructs; and forms of representation are culturally determined and constantly re-defined within the social groups where they have meaning. An analysis of printed materials collected inside a workplace is presented to show the multimodality of forms of representation defended by the theory in case. Multimodality has to be considered when teaching reading the words that leads to reading the world.

**KEYWORDS:** Reading; Social semiotics

## INTRODUÇÃO

Termos que usamos cotidianamente, dado ao constante uso e amplo emprego que fazemos deles, perdem a essência de seus significados. *Leitura* é um desses termos. Quando nos deparamos com a palavra *leitura*, a relacionamos primeiramente à decodificação da forma escrita. Mas decodificar não basta. Há que se interpretar o que se lê. Portanto, *leitura*, em um primeiro momento, vem a significar decodificação e interpretação de uma mensagem representada pelo código escrito. Nossa sociedade opera com esse conceito de leitura, tanto a nível de senso comum, como institucional, incluindo-se aí a escola.

No entanto, Paulo Freire nos diz que antes de lermos as palavras, já somos capazes de ler o mundo (Freire e Macedo, 1987). Que significado tem o termo *leitura* nesse contexto? "O mundo", segundo essa afirmativa, é algo que não está descrito em palavras. *Leitura*, nesse caso, não significa "decodificação e interpretação do código escrito". Por extensão, pode-se questionar sobre a possibilidade de dizermos que antes de escrevermos as palavras, já somos capazes de *escrevermos* o mundo? Acredito que sim. O fato é que, antes de tomarmos contato de maneira sistematizada com o "mundo da escrita", ou seja, antes de irmos para a escola, já interagimos com representações do mundo. Estas se nos apresentam através de imagens, cores, formatos; ou ainda através de gestos, sabores, cheiros e tato. O chão, o papel, o tecido, as pessoas, e, mais modernamente, as mídias eletrônicas, como o computador, são os portadores das mensagens que essas

representações comunicam. Assim, antes da escolarização, não só lemos o mundo, como escrevemos o mundo, ainda que não com a utilização do código valorizado pela escola.

Considerando-se, assim, o sentido amplo de *leitura* proposto por Paulo Freire, deve-se repensar o posicionamento teórico da escola sobre *leitura* e *escrita*. O aluno (criança, jovem ou adulto) traz para o ambiente escolar o conhecimento de um mundo que ele já aprendeu a *ler* e *escrever*, a **representar** (no sentido de Kress & van Leeuwen, 1996), ainda que sem conhecer o código escrito como forma de representação. Esse conhecimento é complexo em sua estrutura, sendo perfeitamente válido para suas interações pessoais. Esse conhecimento não pode ser simplesmente substituído por outro mais valorizado e aceito por aqueles que lêem e escrevem o mundo através da escrita.

Kress (1997), em seu estudo sobre representações do mundo pela criança em idade pré-escolar, observa que a criança sabe representar suas idéias através de sinais gráficos que, ora simulam a escrita, ora não, mas que a permitem interagir eficientemente com o mundo. Contudo, na maioria das vezes, esses modos de representação são tidos pela escola como desenhos sem grande significado. Muito rapidamente, esta tende a substituir essas formas de representação, que são complexas em suas estruturas, e perfeitamente imbuídas de significado, pelo uso do código escrito, relegando-as a um segundo plano de importância. É como se essas não fossem relevantes para o processo de construção do conhecimento do aluno; processo esse já iniciado antes mesmo da criança ir para a

escola.

Igualmente, o aluno (criança, jovem ou adulto) traz para os bancos escolares habilidades maduras de se expressar oralmente, nas quais a escola também passa a interferir. Seus hábitos orais começam a ser “corrigidos”, e substituídos pelo discurso valorizado na escola. Juntamente com o ensino de uma “nova oralidade”, as expressões faciais e gestuais também são “re-educadas” no ambiente escolar. Assim, o repertório de representações que o aluno traz para a escola é, na maioria das vezes, desprezado em face dos valores apregoados por esta.

Voltando à questão da *leitura*, e atendo-me a ela neste artigo, proponho que olhemos para esse conceito através do prisma da semiótica social. Minha proposta é de que a escola passe a trabalhar o conceito de leitura com uma visão mais ampla, considerando como fatores interferentes no processo de ler outras formas de representação da mensagem impressa. Preocupa-me o fato de que as crenças escolares sobre leitura, limitadas à leitura do código escrito, têm subestimado o valor das outras formas de representação presentes na composição da mensagem escrita, sendo estas tão portadoras de significado quanto aquele. Refiro-me, mais precisamente, a todos os recursos de composição e impressão do texto, como: tipo de papel, ilustrações, cores, diagramação da página, formato das letras, etc. A esse conjunto de elementos, a semiótica social refere-se como a multimodalidade das formas de representação.

### **A MULTIMODALIDADE DAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO: AMPLIANDO O CONCEITO DE**

### **LEITURA**

Kress e van Leeuwen (1996), dentre outros, introduzem a noção de multimodalidade das formas de representação que compõem uma mensagem. Esses estudos, desenvolvidos dentro da área da *semiótica social*, procuram englobar os diferentes modos de representação impressa em um campo mais abrangente do que o até então chamado de *língua*. Na teoria da semiótica social, a língua é entendida como parte de um contexto sociocultural, no qual *cultura* em si é entendida como produto de um processo de construção social. Sendo assim, nenhum código pode ser completamente estudado em isolamento. A língua – falada ou escrita – não pode ser entendida senão em conjunto com outros modos de representação que participam da composição de uma mensagem. Com base nesta conceituação que proponho re-pensarmos o conceito de *leitura* neste texto.

Na semiótica social, sinais são convenções sociais culturalmente dependentes, e constantemente criados e re-criados nas interações pessoais. A palavra escrita, enquanto originária de um sistema de sinais, é apenas *parte* da mensagem composta, quando atualizada em um processo de comunicação. Juntamente com ela, outros elementos, advindos de outros sistemas simbólicos, compõem o corpo da mensagem como um todo.

Qualquer que seja o texto escrito, ele é multi-modal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (*layout*), a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação do

parágrafo, etc., interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem. A opção pelo emprego de umas formas de representação, em detrimento de outras, deve ser entendida em relação ao *uso* que se pretende fazer delas em situações específicas de troca de informações. Por isso, sinais e códigos, dentre eles a língua escrita, estão em contínua transformação através da intervenção de seus usuários, que os tratam como um recurso a ser empregado de acordo com seus interesses e com convenções partilhadas pelo grupo no qual interagem, naquele momento histórico específico.

A seguir, procederei à análise de alguns impressos coletados em um local de trabalho, orientada pelas concepções teóricas da semiótica social. O objetivo desta é mostrar como outras formas de representação que participam da composição de materiais impressos contribuem para a construção de significados na mensagem como um todo. Através dessa análise, busco reafirmar minha proposta de que a escola re-pense o ensino da leitura. Serão comentados formulários, tíquetes, jornais e folhetos coletados em uma Prefeitura do interior do estado de São Paulo, como parte dos dados que foram analisados para elaboração de minha tese de doutorado (Descardec, 1997).

## FORMULÁRIOS E TÍQUETES

O formulário apresentado na Figura 1, coletado no viveiro de plantas da Prefeitura, é um texto predominantemente composto pelo código escrito; com

variações entre a letra de imprensa e a escrita manual.

OLIVAREZ, O. DE PLANTAMENTO URBANIZADO

REQUERIMENTO DE MUDA DE ARVORE

NOME: *Sergio Feres*

ENDEREÇO: *Rua William Norman* 938

QUANTIDADE DE MUDAS: *01 uma Mude de arvore*

A RETIRADA DAS MUDAS DEVE SER FEITA APÓS AS 12:00 HORAS, DO DIA 15/04/2002, SENDO ENTREGUE ÀS 10:00 HORAS, COM FAX HERBERT, SENDO, PORTANTO, NECESSARIO A APRESENTAÇÃO DE 02 FOLHETOS DE CORTA PARA CADA MUDA REQUERIDA.

Carapalim, 08 de Setembro de 2002

*[Assinatura]* + *[Assinatura]*

ASS. REQUERENTE

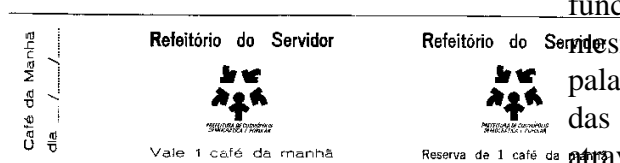
Figura 1: Formulário de requisição de plantas.

Este formulário é entregue pelo solicitante de plantas ao funcionário que cuida do viveiro de mudas da Prefeitura, que o arquiva para posterior conferência pelo encarregado do setor. Embora o código escrito seja a forma de representação predominantemente utilizada na composição desse formulário, a demanda de leitura, por parte do funcionário, resume-se à frase na qual aparece especificado o tipo e a quantidade de planta requeridos pelo solicitante (terceira linha do cabeçalho). Dados de anotações de campo demonstram que na maioria das vezes essa informação é passada pelo solicitante via oralidade. Assim, na prática, não há demanda de leitura do código escrito para o funcionário do viveiro que lida com esse

formulário. O material portador da mensagem, a folha de papel, funciona apenas como intermediador da interação, ou formalizador da operação.

Dadas as características dessa requisição, ela pode ser lida como uma representação visual, através da qual o funcionário tem apenas que conferir se todas as linhas pontilhadas da folha estão preenchidas e se as pessoas competentes assinaram seus nomes nos locais designados para tal. Nota-se que para que esse formulário cumpra sua função, a habilidade de lidar com representações gráficas é mais importante do que a habilidade de leitura do código escrito. A leitura, não da palavra, mas da estrutura gráfica do formulário (ou, ainda, de seu *layout*) coloca-se como a demanda primeira para que o processo de comunicação entre solicitante e funcionário se complete satisfatoriamente. Caso um dos indivíduos (ou ambos) não saiba ler, ou leia com dificuldade, esse dado não será obstáculo para que essa operação específica se complete a contento.

O tíquete do café da manhã (Fig. 2) é outro impresso que requer de seu usuário menos leitura da palavra, e mais habilidade de compreensão de representações gráficas.



**Figura 2:** Tíquete do café da manhã.

Esse tíquete divide-se em três partes, sendo uma retornável à administração (“canhoto”), outra referente ao café da

manhã a ser tomado no dia, e a última referente à reserva do café da manhã do dia seguinte. A primeira parte é fixa ao talão, as outras duas são destacáveis, devendo ser entregues aos funcionários do refeitório, quando é servido o café da manhã.

A diagramação desse tíquete apresenta sentenças curtas e o emblema da administração da época como formas de representação. O emblema consiste de um logotipo e de um slogan. Este encontra-se no centro das duas partes principais do tíquete. O que difere essas duas partes são as frases que aparecem abaixo do slogan do emblema. Uma delas especifica a validade do tíquete para o café da manhã do dia, enquanto a outra, a reserva para o dia seguinte. O formato e o tamanho das letras que compõem cada uma dessas frases é diferente, sendo esse um outro fator responsável pela particularização de cada parte. Esta estrutura repete-se em todos os tíquetes que compõem o bloco entregue aos usuários.

Na prática, as demandas de leitura para utilização desse tíquete são mínimas (ou mesmo inexistentes). Esse material poderia ser utilizado como uma combinação de duas fichas plásticas coloridas, uma vez que seu formato padronizado possibilita aos seus usuários compreenderem a dinâmica de funcionamento desse impresso sem nem mesmo serem solicitados a lerem as palavras nele contidas. A diferenciação das duas partes principais do tíquete através do formato das letras é exemplo disso, pois a escrita nesse caso funciona mais como recurso visual do que propriamente como um texto a ser lido. Em outras palavras, pessoas com dificuldades nas habilidades de leitura podem aprender a usar o tíquete pelo seu aspecto visual, através das formas de

representação que o compõem, das quais as palavras são apenas mais um elemento gráfico.

## JORNAIS E FOLHETOS

Alguns jornais e folhetos, que circulam naquela Prefeitura, são distribuídos também para toda a população da cidade. Os exemplares reproduzidos nesse artigo encaixam-se nessa característica. Eles são escritos e publicados pela Prefeitura. Serão analisados neste artigo a primeira página do jornal *Nossa Cidade* e o folheto *A Semana*.

## JORNAL NOSSA CIDADE

Na primeira página do jornal *Nossa Cidade* (Fig. 3), o código escrito, fotografias, desenhos e recursos de cor estão entre as formas de representação que são utilizadas em sua composição. Cada artigo destacado é composto por uma combinação de pelo menos três dessas formas.



Figura 3: Jornal *Nossa Cidade*.

Começando pelo título do jornal, percebemos que nossa leitura está repleta de indicativos dados por diferentes modos

de representação. O título, em primeiro plano, sobrepõe-se a um desenho que pretende mostrar como é a “*Nossa Cidade*”: um lugar calmo e pitoresco, onde os moradores têm uma vida tranqüila. A tranqüilidade da vida é retratada, inclusive, no formato das letras do título, que ainda representa informalidade, ou, em outras palavras, familiaridade entre os moradores.

Por ser um jornal produzido pela Prefeitura, para divulgação das obras dessa administração, a cor vermelha contrastando com a cor preta das palavras que compõem os textos e com o preto e branco das fotografias tem uma única função: a de indicar que um prefeito do Partido dos Trabalhadores governa a cidade. Até mesmo a cidade estilizada em segundo plano no título do jornal é delineada em cor vermelha.

Observando as fotografias dessa página, o leitor é informado de que a Prefeitura preocupa-se com educação, crianças saudáveis e natureza. Embora estejam acompanhadas de pequenos textos escritos, essas fotografias, por si, comunicam a mensagem intencionada pelos editores do jornal: a escola é nova, e traz uma nova proposta de ensino; as crianças têm saúde e estão felizes; e a praça é ampla e bem cuidada. Quando muito, as demandas de leitura do código escrito que recaem sobre o leitor dessas imagens podem limitar-se a “ser capaz de ler ‘rótulos’”, digamos, para o conhecimento mínimo dos assuntos abordados através delas. Em outras palavras, a *leitura* das fotografias, somada à de algumas palavras-chave, como *escola*, *praça* e *infância sadia*, informa ao usuário sobre o conteúdo das principais

notícias, a serem tratadas nas páginas internas.

Dois textos, que não chegam a ocupar um terço da página toda, complementam as informações já obtidas pelo leitor, através da *leitura* das fotografias.

Concluindo essa breve análise, o grupo de leitores de *Nossa Cidade* pode incluir desde indivíduos altamente familiarizados com o código escrito, até aqueles que lêem precariamente algumas palavras, ou mesmo os que não lêem o código. Na realidade, acredito que esse jornal tenha sido produzido para audiências pouco familiarizadas com o código escrito, uma vez que o lema da administração responsável pela publicação do jornal era “Governo Popular”, ou seja, voltado para as camadas populacionais nas quais o nível de escolarização é baixo. Embora essas pessoas não pudessem ler o código escrito, poderiam perfeitamente obter informações através da *leitura* proporcionada pela utilização de outras formas de representação na composição dos artigos.

### FOLHETO A SEMANA

O folheto *A Semana* circula semanalmente na Prefeitura, encontrando-se disponível nos balcões espalhados pelos corredores, para ser coletado tanto por trabalhadores como por pessoas da população que transitam pelo recinto. *A Semana* é um folheto do tamanho de uma folha A4 cortada verticalmente ao meio, sendo impressa na frente e no verso do papel (vide Fig. 4).



(a) frente

(b) verso

**Figura 4:** Folheto *A Semana*.

Uma combinação entre o código escrito, desenhos, representações numéricas e recursos de diagramação da página compõem esse folheto, que contém uma estrutura padrão para todas as edições. A observação atenta dessas duas páginas leva-nos a perceber que o recurso de diagramação está intrinsecamente ligado à proposta de conteúdo do folheto, dada pelo título “*A Semana*”. Pequenas notícias, como dias da semana, seguem-se ao longo das páginas. Informações numéricas e uma seção denominada “Agenda” remetem o leitor à noção de quantidade dos dias e das horas que compõem uma semana. A noção que temos ao olharmos esse folheto é de que estamos diante da programação de uma semana. Para o leitor não muito habituado à leitura da palavra, a diagramação das páginas e os recursos ilustrativos, somados ao título “*A Semana*”, em si comunicam significativamente sobre o conteúdo portado por esse informativo.

O recurso de variação de cores e de formatos de letras e números (negrito,



itálico, tipos de letras e tamanhos) faz com que os olhos do leitor percorram rapidamente o folheto, como que para obterem rapidamente a informação oferecida. Por outro lado, tais recursos cumprem a tarefa, também, de deixar o impresso mais atraente.

A característica de propiciar uma leitura rápida do folheto reforça-se quando do uso dos recursos da escrita. A estrutura sintática das sentenças nos textos contidos no folheto segue o modelo direto de SUJEITO-VERBO-COMPLEMENTO.

Tal aspecto leva a uma fácil compreensão da parte escrita, e a uma leitura mais rápida. Observe os exemplos que se seguem, retirados do primeiro artigo da página de frente do folheto em análise:

Os artesãos de Cosmópolis terão mais uma oportunidade para expor seus trabalhos.

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| SUJ.        |  | V. |
| COMPLEMENTO |  |    |

A Divisão de Cultura está organizando uma feira de artesanato.

|      |       |          |
|------|-------|----------|
| SUJ. | VERBO | COMPLEM. |
|------|-------|----------|

que vai funcionar a partir do próximo semestre.

|    |       |          |
|----|-------|----------|
| S. | VERBO | COMPLEM. |
|----|-------|----------|

Ainda no que diz respeito ao modo de representação da escrita, nota-se que a linguagem privilegiada na produção do folheto aproxima-se do registro oral. O futuro feito através do composto “vai funcionar” é um exemplo a citar. Acreditamos que, através desse recurso, os produtores desse impresso aproximam-se com maior sucesso dos leitores almejados. Sendo um material de circulação ampla no município, os recursos de linguagem devem ser tais que atinjam a mais variada massa de leitores

possível. Para tanto, faz-se necessário que sua composição, como um todo, facilite sua leitura, e atraia os mais diferentes leitores dentro da comunidade.

## CONCLUSÃO

As demandas para utilização bem sucedida dos impressos analisados neste artigo não se encerram nas habilidades de leitura do código escrito; muito pelo contrário. Como vimos, o reconhecimento visual de alguns deles (do tíquete, por exemplo) leva à sua utilização, com sucesso, sem a necessidade primeira de se conhecer o código escrito. Em outras palavras, as demandas que o leitor encontra para lidar com esses materiais impressos incluem práticas mínimas de leitura e menores ainda de escrita. Desses impressos, apenas o formulário apresentado na Figura 1 requer o uso da escrita, para preenchimento de algumas lacunas. Nos demais, nenhuma demanda de escrita é apresentada, ou seja, o leitor desses impressos não é levado a escrever seja **no** material (preencher um cupom, por exemplo), seja **para** o material (contribuir com artigos, por exemplo). Esses leitores são, assim, consumidores de informação, uma vez que não estão envolvidos na produção da informação veiculada nesses impressos.

Se compararmos empiricamente a quantidade de pessoas envolvidas na produção de impressos com aquela das pessoas que lêem os impressos, não precisaremos de muitas estatísticas para perceber que a faixa daqueles que lêem é significativamente maior do que a dos que produzem o material para leitura. E não poderia ser diferente. O que nos compete fazer, enquanto pessoas preocupadas com o conceito de **leitura**, é alertar para o fato

Quanto ao conceito de **leitura**, devemos pensar em noções mais abrangentes, nas quais a capacidade de processar informação transmitida por uma combinação de formas de representação seja considerada. Os pressupostos teóricos sobre leitura vigentes na escola atual não permitem que se prepare o educando para as demandas de comunicação da sociedade moderna. A ruptura “*fase do desenho X fase da escrita*”, normalmente instaurada ainda nos quatro primeiros anos de escolarização, deve deixar de existir. Os demais modos de representação que participam da composição da mensagem devem deixar de figurar como “os demais”, uma vez que são igualmente portadores de significado. Da mesma forma, as imagens que compõem um texto devem deixar de ser meras ilustrações; e os recursos de diagramação da página e formatação de letras devem deixar de contar apenas como “aquilo que deixa o texto mais bonitinho”.

O papel da escola, enquanto formadora de leitores, deve ser o de apresentar o código escrito como *mais uma* forma de representação do mundo. Embora altamente valorizada em sociedades letradas, a escrita figura, cada vez mais, como parte apenas do conteúdo de uma mensagem. As demandas sociais impostas ao homem moderno estão relacionadas a *saber buscar e processar informações*;

*saber adquirir e transferir conhecimentos.* Essas informações e esses conhecimentos são adquiridos, principalmente, através da leitura. Esse homem moderno precisa aprender a *ler*, portanto, de maneira ampla, para saber processar, completamente, as informações com as quais tem contato em seu dia-a-dia. Um conceito de *leitura* que contemple a multimodalidade das formas de representação certamente estará mais próximo do significado de *leitura* do mundo, defendido por Paulo Freire.

DESCARDECI, M.A.A.S. **Resources of communication:** a study of literacy demands in a Brazilian workplace. 1997. 251f. Tese (Doutorado) - Institute of Education, University of London, London.

FREIRE, P. ; MACEDO, D. **Literacy:** reading the word and the world. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.

KRESS, G. **Before writing**: rethinking the paths to literacy. London: Routledge, 1997.

KRESS, G. ; VAN LEEUWEN, T.  
**Reading Images:** the grammar of visual  
design. London: Routledge, 1996.

MARIA ALICE ANDRADE DE SOUZA DESCARDECI

Prof.ª Dra. Adjunto 1 - Universidade

Tuiuti do Paraná - Faculdade de Ciências Humanas,

Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em

Educação - Mestrado em Educação

e-mail: [maria.descardec@utp.br](mailto:maria.descardec@utp.br) /

m.alice@netpar.com.br

Telephone:(41) 267-5026